

AS FORMAS DE CONHECIMENTO E A CONSTRUÇÃO DE NOVOS SIGNIFICADOS PARA OS JOVENS DAS PERIFERIAS DE MANUS: ÁREA COMPREENDIDA ENTRE MONTE DAS OLIVEIRAS, SÃO JOSÉ IV E COROADO

THE FORMS OF KNOWLEDGE AND THE CONSTRUCTION OF NEW MEANINGS FOR THE YOUNG OF THE MANUS PERIPHERIES: AREA UNDERSTOOD BETWEEN MONTE DAS OLIVEIRAS , SÃO JOSÉ IV AND COROADO

André Vilhena de Oliveira¹
Nidianne Cavalcante Nascimento²

Resumo: Ao proporcionar à oportunidade do jovem a educação é torná-lo um cidadão crítico e pronto para atuar na sociedade, moldando uma identidade cultural, e deste princípio buscar os pontos positivos que sempre fazem parte da juventude, a fim de traçar metas de melhoria da qualidade de vida, no qual tornará marco inicial para uma ação social. Neste contexto propõem-se atividades reais e troca de experiências que possibilitaram a detecção dos problemas e a mostra de soluções viáveis para a melhoria de oportunidades, e de mudanças de perspectivas, desmistificar a periferia e demonstrar que a mesma não passa de pobreza engendrada pelo próprio processo de urbanização, tornando relevante um estudo da periferia de Manaus, enfatizando a vida dos jovens, aspirações, sonhos e a real possibilidade de realização, levando-se em conta o grande número de percalços, que estes enfrentam em sua realidade que vão desde problemas físicos, mentais, espirituais e morais.

Palavras-chave: Periferia. Jovem. Pobreza. Conhecimento.

Abstract: When providing to the chance of the young the education is becomes it a critical and ready citizen to act in the society, molding a cultural identity, and of this principle to

¹ Doutorando em Engenharia Civil COPPE/UFRJ, Mestre em Desenvolvimento Regional. UFAM Universidade Federal do Amazonas, Especialização em Engenheiro de Segurança do Trabalho. UEA Universidade do Estado do Amazonas, Engenheiro Florestal. UEA Universidade do Estado do Amazonas e Filósofo. UFAM Universidade Federal do Amazonas. Professor Universitário da UNINORTE e Formador Educacional da SEMED e Engenheiro da Consultoria ambiental e Segurança do Trabalho - CAST

² Mestranda em Engenharia de Produção COPPE/UFRJ, Especialização em Planejamento e Gerenciamento de Águas. UFAM Universidade Federal do Amazonas, Engenheira de Segurança do Trabalho. UEA Universidade do Estado do Amazonas e Engenheira de Produção. UEA Universidade do Estado do Amazonas. Engenheira de Projetos direcionada ao Comercio Exterior pela FUCAPI e Engenheira da Consultoria ambiental e Segurança do Trabalho - CAST

search the points positive that always are part of youth, in order to trace goals of improvement of the quality of life, in which it will become initial landmark for a social action. In this context real activities and exchange of experiences are considered that make possible the detention of the problems and the sample of viable solutions for the improvement of chances, and changes of perspectives, to demystify the periphery and to demonstrate that the same one does not pass of poverty produced for the proper process of urbanization, becoming excellent a study of the periphery of Manaus, emphasizing the life of the young, aspirations, dreams and the real possibility of accomplishment, taking themselves in account the great number of profits, that these face in its reality that physicists, mental, spirituals and moral go since problems.

Keywords: Periphery. Young. Poverty. Knowledge.

Introdução

No presente estudo constatamos o crescimento vertiginoso e desordenado da cidade, sobretudo a partir da década de 70, num ritmo jamais visto. Tal crescimento gerou desequilíbrios urbano-regionais.

Deteriorou as condições materiais de vida e as relações sociais, que atingem hoje nível insuportável. Nesta deteriorização se incluem os fenômenos da pobreza e da periferia.

Dessa forma, um estudo que procure desmistificar a periferia e demonstrar que a mesma não passa de pobreza engendrada pelo próprio processo de urbanização, nos parece necessário oportuno e relevante fazer um estudo da periferia de Manaus, enfatizando a vida dos jovens, aspirações, sonhos e a real possibilidade de realização, levando-se em conta o grande número de percalços, que estes enfrentam em sua realidade que vão desde problemas físicos, mentais, espirituais e morais. Deste modo buscamos soluções destes problemas através de ações de fácil aceitação entre os jovens e com baixos custos.

Para a comunidade o trabalho desenvolvido na área social com os jovens é ponto de referência e pode melhorar a qualidade de vida das famílias, através da educação, da união e do amor ao próximo tornando mais fácil a mudança de comportamento dos jovens.

Ao se dar oportunidade ao jovem de ter acesso à educação, e possibilitarmos para o mesmo a condição de perceber que o conhecimento é um bem capaz de fornecer a qualquer pessoa independente da raça ou classe social, tornando-o assim um cidadão crítico e pronto para atuar na sociedade. Uma vez que isso é vivido nos leva a conhecer a nossa identidade cultural, e deste princípio cultural e histórico é que podemos começar a traçar um perfil nosso, o qual mais adiante deverá ir se tornar o marco inicial para uma ação social.

O ser humano por meio do conhecimento pode adotar uma nova postura de vida, atingindo sua autonomia intelectual e social. Mas para isso todos deveram estar preparados para agir como mediadores no processo de aprendizagem e mudança, aonde o próprio

jovem irá “avaliar” o seu cotidiano e o que deseja para sua vida, sendo assim uma mudança não só aparente e momentânea mas sim de essência e duradoura.

1 Justificativa / Referencial Teórico

Este estudo se fundamenta em informações obtidas com base na literatura estudada e na visita as Periferias de Manaus. O crescimento, para não dizer o inchaço das cidades, se fez sentir, em escala mundial, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, ou mais precisamente, do início da década de 50.

Este inchaço dos centros urbanos, por população em busca de melhores condições de vida, gerou em seu bojo deterioração das condições de vida e das relações sociais. Iniciaram-se, a partir desse período, os desequilíbrios urbano-regionais nunca vistos na história de agrupamentos humanos.

Os desequilíbrios urbano-regionais e seus problemas inerentes apontaram para muitos estudiosos, entre estes vários cientistas cidades médias e pequenas como alternativas de solução.

No Brasil, os desequilíbrios urbano-regionais e suas conseqüências sobre a qualidade de vida das pessoas e o funcionamento dos sistemas político-econômico despertaram em termos de uma política para as cidades de porte médio, timidamente, a atenção dos cientistas sociais e do Estado a partir da segunda metade da década de 70, sobretudo após a divulgação dos resultados do Censo de 1970.

Levando-se em conta que, até o censo de 1980, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), não distinguiu população do município de Manaus de população urbana, verifica-se que houve crescimento exagerado da população urbana nos últimos 30 anos. Ao mesmo tempo em que seu efetivo demográfico explode, o crescimento de sua pobreza estoura conforme nos informa o INPLURB (Instituto de planejamento urbano).

Verificamos o ritmo acelerado do processo de urbanização de Manaus, a sua função de Metrópole, a concentração de renda, a deteriorização das condições de vida, sobretudo para mais de 60% de sua população, a chamada periferia, a Figuras 1, que exemplificam alguns aspectos da realidade.

Figura 1. Cenários da Realidade Periférica



Fonte: Próprio Autor

Incluimos nesses 60% os estigmatizados com a marca periferia, porque extraem sua sobrevivência sob condições periféricas, insólitas, desiguais, do furto, roubo, assalto, tráfico de drogas, prostituição, do lixo e outros meios de sobrevivência, incluindo o trabalho “honesto” que é desempenhado pela grande maioria das pessoas que vivem na periferia e que infelizmente a mídia costuma explorar somente o lado “desonesto” que ali vive com pequenas exceções muito de vez em quando.

Pelas constatações mencionadas na Introdução e no parágrafo anterior, nossa curiosidade nos apontou para procurar saber até que ponto, em Manaus, o jovem da periferia é um mito estigmatizado que esconde a sua verdadeira face engendrada pelo processo de urbanização.

Em especial de uma periferia onde se desenvolve um projeto social voltado para esta reflexão junto com os jovens, chamado “Petit Frere” (pequeno irmão). Pequeno irmão porque é irmão do projeto piloto já em andamento na cidade de Cachoeirinha-RS. Tomaremos como sujeito da pesquisa estes jovens que ali reuniremos. A princípio através de conversas informais, pois lá funcionará uma pequena biblioteca com livros, jornais e revistas. Os jovens da periferia devem descobrir novos sentidos as suas vidas com o desenvolvimento de novas formas de conhecimento. Queremos promover uma ampla e livre discussão sobre este tema entre os jovens da periferia de Manaus. Pois o que era conhecimento verdadeiro para o sábio da Antigüidade, já não o era para o cientista do renascimento; e o que foi verdadeiro para o cientista do século XVIII pode já não o ser para o cientista em nossos dias.

Diante da natureza, o homem - animal racional - não age como os animais inferiores. Estes apenas esforçam-se pela vida. O homem, além disso, esforça-se por entender a natureza e, embora sua inteligência seja dotada de limitações, tenta sempre dominar a realidade, agi sobre ela para torná-la mais adequada às suas próprias necessidades. Esse processo permanente acúmulo de conhecimento sobre a natureza e de ações racionais capazes de transformá-la compõe o universo de idéias que hoje denominamos “Ciência”.

Ciência é, pois, o conhecimento racional, sistemático, exato é verificável da realidade. Por meio da investigação científica o homem reconstitui artificialmente o universo real em sua própria mente. Mas essa reconstituição ainda não é definitiva. A descoberta e a compreensão de fatos quase levam à necessidade de descobrir e compreender novos fatos. E como o resultado das investigações depende dos conhecimentos já adquiridos e de instrumentos capazes de aprofundar a observação, a Ciência está sempre limitada às condições de sua época.

Assim, diz-se também que a ciência é falível, ou seja, pode ser exata apenas para determinado período. O conceito científico que homem tem do mundo é cada vez mais completo. Assim, considerando-se o desenvolvimento histórico da ciência, é lógico pressupor que o cientista do final do século XXI disporá de conhecimentos muito mais desenvolvidos e exatos do que os de hoje.

Afinal, o que é conhecer?

Conhecer é estabelecer uma reação entre pessoas que reconhece é objeto que passa a ser conhecido. No processo de conhecimento, quem reconhece acaba por, de certo modo, apropriar-se do objeto que conheceu. Ou seja, transformar em conceito esse objeto, reconstitui-o em sua mente (MARILENA CHAÚÍ, 1998, p.37).

O conceito, no entanto, não é o objeto real, não é a realidade, apenas uma forma de conhecer (ou conhecer, ou conceituar) a realidade. O objeto real continua existindo como tal, independentemente do fato de conhecermos ou não.

Há duas maneiras de se conhecer um objeto, de nos “apropriarmos” mentalmente dele. Uma é mediante os nossos sentidos, através da nossa sensibilidade física; A outra é mediante o nosso pensamento através do nosso cérebro (JASPERS, 1988, p.124).

O conhecimento que adquirimos por meio de nossa sensibilidade física diz respeito aos objetos físicos. Por exemplo: conhecemos uma cor porque nossos ouvidos sentem a vibração que produz o som; conhecemos um gosto porque as terminações nervosas que constituem o nosso paladar distinguem o gosto.

Disso podemos concluir que o conhecimento é sensível quando obtido mediante uma informação prestada pelos sentidos (a cor excita os nervos ópticos que informam nossa mente; o som, os nervos auditivos etc.).

A outra forma de conhecimento é puramente intelectual. Mesmo sem qualquer da visão, audição, olfato, paladar ou tato, podemos conhecer uma idéia, um princípio, uma lei. É claro que se você assiste a uma conferência, seus nervos auditivos entram em ação. Eles são atingidos pela do conferencista, mas você fica conhecendo as idéias expostas mediante um processo intelectual.

A voz do conferencista é apenas um veículo. Ela só interessa na medida em que transporta o conteúdo da conferência. O conhecimento desse conteúdo – ou seja, a “apropriação” das idéias – é intelectual.

Nem sempre essas duas formas de conhecimento - sensível e intelectual – ocorrem isoladamente. Ao contrário, com frequência combina-se para produzir conhecimento misto, ao mesmo tempo sensível e intelectual você, por exemplo, conhecer-se. Seus sentidos lhe informaram sobre a cor de sua pele, sobre cheiro, sua estatura, enfim, sobre suas características físicas. Mas será a mente que lhe informara sobre seus próprios sobre sua maneira de agir antes determinado problema, sobre o tipo de entretenimento que você prefere etc. E todas essas informações estão relacionadas a um mesmo objeto: você.

O conhecimento leva o homem a apropria-se da realidade e, ao mesmo tempo, a penetrar nela. Essa posse confere-nos a grande vantagem de nos torna mais aptos para ação consciente. A ignorância tolhe as possibilidades de avanço para melhor, mantém-nos prisioneiros das circunstâncias. O conhecimento liberta: permite que aluemos para modificar as circunstâncias em nossos benefícios. Quando pensamos em termos de toda a humanidade, reconhecemos que só podemos avançar mediante o conhecimento da realidade (JASPERS, 1988, p.137).

Mas a realidade não se deixa desvendar facilmente. Ela é constituída de numerosos níveis e estruturas. De um mesmo objeto – como, por exemplo, um elemento químico, uma vibração luminosa ou um conceito – pode-se obter conhecimentos da realidade em níveis

distintos. Esses conhecimentos nos informarão sobre o objeto, nos apresentarão sua origem, sua aparência, sua função, seu significado, sua relação com outros objetos e assim por diante. De um mesmo objeto, portanto, podemos obter conhecimento horizontal, mais superficial, e conhecimento vertical, mais profundo, ou seja, desde sua aparência mais simples até implicações de seu relacionamento com outras estruturas de própria realidade. Em outras palavras, a realidade é tão complexa que o homem, para apropria-se dela, teve de aceitar **diferentes tipos de conhecimentos**.

2 Problematização

Há pelo menos quatro tipos fundamentais de conhecimento, cada um deles subordinado ao tipo de apropriação que o homem faz da realidade. Esses quatro tipos são: o conhecimento vulgar, os conhecimentos científicos, o conhecimento filosófico e o conhecimento tecnológico. Vamos examiná-los mais de perto.

2.1 Conhecimentos Vulgar

Também denominado “empírico”, o conhecimento vulgar é o que todas as pessoas adquirem na vida cotidiana, ao acaso, baseado apenas na experiência vivida ou transmitida por alguém. Em geral resulta de repetidas experiências casuais de acerto, sem observação metódica nem verificação sistemática, por isso carece de caráter científico. Pode também resultar de simples transmissão de geração e, assim, fazer parte das tradições de uma coletividade.

Não é necessário estudar psicologia para se saber que uma pessoa está alegre ou estar triste. Você conhece o estado de humor dessa pessoa porque empiricamente já passou por muitas experiências de contato com pessoas alegres ou tristes. É igualmente vulgar o conhecimento que, em geral, o lavrador iletrado tem das coisas do campo. Ele interpreta a fecundidade do solo, os ventos anunciadores da chuva, o comportamento dos animais. Sabe fura um poço para obter água, quando corta uma árvore para melhor aproveitar sua madeira e sua colheita, deve ser feita nessa ou naquela lua. Ele pode, inclusive, apresentar argumentos lógicos para explicar os fatos que conhece, mas seu conhecimento não penetra os fenômenos, permanecem na ordem aparente da realidade. Como é o fruto da experiência circunstancial, não vai além do fato em si, do fenômeno isolado.

Embora de nível inferior ao científico, o conhecimento vulgar não deve ser menosprezado. Ele constitui a base do saber e já existia muito antes do homem imaginar a possibilidade da ciência.

2.2 Conhecimentos Científicos

As principais características do conhecimento científico serão apresentadas no capítulo seguinte. Por ora, apenas como termo de comparação com os demais tipos de conhecimento, basta o resumo de algumas delas.

O conhecimento científico resulta de investigação metódica, sistemática da realidade. Ele transcende os fatos e os fenômenos em si mesmos, analisa-os pra descobrir suas causa e concluir as leis gerais que os regem.

Como o objeto da ciência é o universo material, físico, naturalmente perceptível pelos os órgãos dos sentidos ou mediante a ajuda de instrumentos de investigação, o conhecimento científico é verificável na pratica, por demonstração ou experimentação. Além disso, tendo o firme propósito de desvendar os segredos da realidade, ele os explica e demonstra com clareza e precisão, descobre suas relações de predomínio, igualdade ou subordinação com outros fatos ou fenômeno. De tudo isso conclui leis gerais, universalmente validas para todos os casos de uma mesma espécie.

2.3 Conhecimentos Filosóficos

O conhecimento filosófico tem por origem a capacidade de reflexão do homem e por instrumento exclusivo o raciocínio. Como a Ciência é o suficiente para explica o sentido geral do universo, o homem tenta essa explicação através da Filosofia. Filosofando, ela ultrapassa os limites da Ciência - delimitados pela necessidade de comprovação concreta - para compreender a realidade em sua totalidade. Mediante a Filosofia estabelecemos uma concepção geral do mundo.

Uma das definições do ser humano é que ele é um animal racional, é capaz de conhecimento abstrato e intelectual. O que isso que dizer? Que “razão” é essa que os demais animais não têm? Para muitos, trata-se do pensamento, que exprime nossa existência. Principalmente porque, por meio dele, manifestamos nossa capacidade de elabora regras, normas, leis e princípios. Mas ainda, nós não apenas pensamos como sabemos que pensamos. Isso nos permite encadear processos de abstração que nos levam a conhecer a realidade e atribuir a ela significados. O pensamento, quando, entendido com a atividade de inteligência, conta com seu invento mais poderoso e enigmático: a *palavra*. Para muitos é isso que confere unicamente a capacidade de pensar.

Tendo o homem como tema permanente de suas considerações, o filosofo pressupõe a existência de um dado determinado sobre o qual refletir, por isso apóia-se nas ciências. Mas sua aspiração ultrapassa o dado científico, já que a essência do conhecimento filosófico é a busca do saber “saber” e não sua posse. Tratando de compreender a realidade dos problemas mais gerais do homem e sua presença no universo, a Filosofia interroga próprio saber e transforma-o em problema. É, sobre tudo, especulativa, no sentido que suas conclusões carecem de prova material da realidade. Mas, embora a concepção filosófica não ofereça soluções definitivas para numerosas questões formuladas pela mente, ela se traduz em ideologia. E como tal influi diretamente na vida concreta do ser humano, orientando sua atividade prática e intelectual.

2.4 Conhecimentos Teológicos

O conhecimento teológico é produto da fé humana na existência de uma ou mais entidades divinas – um deus ou muitos deuses. Ele provém das relações do ministério, do oculto, por algo que é interpretado como mensagem ou manifestação divina. Tais relações são transmitidas por alguém, por tradição acumula por longo da história ou através de escritos sagrados.

Não é necessário que se seja monoteísta (acredita-se em um só deus) para que o conhecimento proporcionado pela fé seja teológico. Os gregos da Antigüidade eram politeístas (acreditavam na existência de muitos deuses), mas os seus sacerdotes já possuíam e cultivavam o conhecimento teológico. Atualmente, os sacerdotes de diferentes religiões ocidentais e orientais conhecem distintas entidades divinas e seus atributos, bem como suas relações com o universo e o homem em particular, portanto possuem conhecimento teológico.

De modo geral, o conhecimento teológico apresenta respostas para questões que o homem não pode responder com os conhecimentos vulgar, científico ou filosófico. Assim, as relações feitas pelos deuses ou em seu nome são consideradas satisfatórias e aceitas como expressões de verdade. Tal aceitação, porem, racional ou não, tem necessariamente de resultar da fé que o aceitante (fiel) deposita na existência de uma divindade.

Com isto trago então as provocações de discussão que acredito no mínimo incentivar um respeito maior aos chimpanzés, senão por todas as formas de conhecimento. De tudo o que acabamos de expor, podemos tirar algumas hipóteses importantes para o estudo:

O ser precede o conhecimento que temos dele. Sem que os seres, os fatos, os fenômenos, enfim, o mundo sensível exerça ação sobre os órgãos dos nossos sentidos, é impossível obtermos qualquer conhecimento objetivo. Em outras palavras, isto significa que a causa de nossas sensações é a própria realidade material. A montanha, o sapato, o som etc. São seres reais – eles existem independentemente da consciência que tenhamos deles.

As sensações dão-nos a imagem do universo real. Qualquer objeto material ata de alguma forma sobre os órgãos dos nossos sentidos, causando-nos uma sensação. Essa informação é transmitida para o cérebro que, por seu turno, forma a imagem exata, a cópia, do objeto material. Assim, nossa percepção da montanha, do sapato, do som etc. é a imagem real da montanha, do sapato, do som. Por vezes os órgãos dos sentidos têm de ser auxiliados por instrumentos ou equipamentos que ampliam nossa capacidade natural de sentir. Por exemplo: Nossos olhos não são capazes de ver um vírus, mas com ajuda do microscópio eletrônico essa deficiência foi sanada e já é possível temos a imagem exata de um vírus. Radiotelescópios detectam a presença de astros q nem mesmo os mais poderosos telescópios ópticos podem observar; assim, nossos sentidos recebem a sensação da presença de um objeto que está a alguns milhões de anos-luz distante de nós.

Tudo isso significa que podemos conhecer realmente o mundo material, ou seja, dele obtemos o conhecimento objetivo.

O conhecimento racional objetivo não dispensa o conhecimento sensível. Tomando a Ciência como ponto de apoio, a Filosofia produz o conhecimento racional objetivo; quando não considera o dado científico, produz o conhecimento racional abstrato ou subjetivo. Mas o conhecimento teológico é produto exclusivo de fé, portanto, é exclusivamente, conhecimento, ideal, metafísico, abstrato.

Podemos conhecer a realidade e encontrar a verdade se, ao conhecermos um objeto, um fenômeno natural, não introduzimos na percepção que temos dele algo que não seja do próprio objeto ou fenômeno. Por exemplo: se você tem diante de si um relógio, sua visão, seu tato, seu olfato e sua audição informarão sua mente que aquilo é um relógio. Portanto, você não poderá dizer que a imagem “copiada” por sua mente é a de um chapéu. Se você disser que é um chapéu estará deturpando a verdade.

Quando deturpamos a verdade, deturpamos também o conhecimento, pois o relógio é o relógio, chapéu é chapéu.

A verdade e a realidade. Toda vez que há divergência entre o objeto real e a percepção que temos dele ocorre uma deformação da realidade, portanto, uma deturpação da verdade. Por seu turno, toda vez que há coincidência entre o objeto real e a percepção que temos dele, com suas propriedades reais, ocorre à representação da própria realidade, portanto, o conhecimento da verdade. É essa verdade que se denomina objetiva, porque reflete com exatidão o que realmente existe. Acontece que muitas vezes manifestamos com a verdade conceitos que são subjetivos, ou seja, que não correspondem com a realidade independente de nossa consciência. Nesses casos não obtemos conhecimentos verdadeiros, porque o conteúdo desse conhecimento não corresponde à realidade, mas um conceito subjetivo do que se “julga” ser a realidade.

A negação da verdade objetiva é compatível com a Ciência. A apropriação do objeto pela mente, o conhecimento da verdade real, não – subjetiva, é uma das razões de ser da Ciência. Somente conhecendo a verdade real o homem pode desvendar o universo material, compreendê-lo e agir sobre ele para subordiná-lo às suas próprias necessidades. Sem a possibilidade de posse da verdade objetiva, ou seja, de conhecimento da realidade concreta, a Ciência seria inútil.

3 Objetivo

3.1 Geral

Refletir sobre as formas de conhecimento e sobre a capacidade humana de fazê-lo.

3.2 Específicos:

- investigar o processo de urbanização de Manaus, detectando e correlacionando crescimento da pobreza, do jovem e da periferia;

- demonstrar a existência do mito jovem da periferia e da realidade pobreza;
- compreender a conceituação das formas de conhecimento;
- analisar sobre o valor de cada uma das formas de conhecimento;
- aprofundar a idéia de que o “raciocínio é exclusividade humana”, verificando que novos sentidos os jovens poderiam ter a esta afirmativa.

4 Material e Métodos

Faremos uso da metodologia dialética baseada na observação da realidade social e na adequação a ela da visão dialética que privilegia:

1. A contradição e o conflito predominante sobre a harmonia e o consenso;
2. O fenômeno da transição da mudança, do vir-a-ser sobre a estabilidade;
3. O movimento histórico;
4. A totalidade e a unidade.

Iremos utilizar um cunho qualitativo e dialético para responder a questões muito particulares e especificamente neste estudo investigar a realidade das periferias selecionadas na cidade de Manaus.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa serão:

- Os jovens das periferias.
- Alguns familiares que contribuem para a melhoria da qualidade de vida de seus filhos.

Os instrumentos que serão utilizados nesta pesquisa são:

- À observação direta dos jovens.
- Conversas informais.
- Entrevistas.
- Questionários.
- Grupos de trabalho.
- Leitura de pequenas poesias e salmos. Como aponta Minayo:

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, aspirações, motivos, crenças, valores e atitudes, a que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994c, p. 21).

Neste sentido, a complexidade da construção das representações está imersa num movimento dinâmico de relação entre o que os sujeitos pensam e o texto (base material) da

vida social que determina essas representações. Na medida em que as representações se reproduzem e se modificam a partir das estruturas e das relações coletivas e dos grupos, apresentam elementos tanto da dominação como da resistência, tanto das contradições e conflitos como do conformismo.

5 Resultados Obtidos e Discussão

Com objetivo de viabilizar este projeto, foi realizada a coleta de dados que deu suporte para elaboração deste Projeto de Pesquisa, onde se podem descrever os problemas que interferem no processo de formação de nossos jovens, agravando problemas e mazelas sociais. Bem como buscando os pontos positivos que sempre fazem parte da juventude, a fim de traçar metas de melhoria da qualidade de vida.

As ações deste projeto aconteceram no âmbito das feiras livres de nossa cidade e estão voltadas para a realidade dos perigos a que estão expostos os nossos adolescentes, que são nosso público alvo, buscamos respeitar as condições de realização de cada um. As ações foram planejadas previamente com o objetivo de propiciar atividades reais e troca de experiências que possibilitaram a aquisição de novos conhecimentos e a reestruturação dos conceitos e pré-conceitos já existentes.

E foram realizadas:

- Coleta de dados com fotos.
- Sessões de estudo para conhecimento do problema.
- Estipulação de metas a serem atingidas.
- Visitas semanais para acompanhamento e observação.

Com estes passos buscamos atingir objetivos voltados para a detecção dos problemas e a mostra de soluções viáveis para a melhoria de oportunidades, e de mudanças de perspectivas. Tais como:

- Relacionamento interpessoal;
- A participação dos familiares nas reuniões;
- Reunião de grupos;
- Passeios em pontos turísticos;

Referências

- CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo, Ática, 1996.
- FRED, Anna. Enciclopédia de psiquiatria. In: OBILIOS; GALHO. *La enseñanza Filosófica em la escuela secundaria*. Buenos Aires: AZ Editores, 1993.
- GALLIANO, A. Guilherme. *Método Científico: teoria e prática*. Harper & Row do Brasil, São Paulo, 2000.
- GARDINER, Patrick. *Teoria da História: textos de Karl Marx*. Lisboa, vozes, 1964
- JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1998.

LIPMAN, Matthew. *O pensar na educação*. Trad. Ana Luisa Faleone. Petrópolis: Vozes, 1995.

MINAYO, M.C.S (Org.). *Pesquisa social e criatividade*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. “Sobre o ensino da filosofia”. In: *Cahiers. Philosophique*. 1980. Vol. 6

SÁTIRO, Angélica. “O prazer e a beleza de aprender a pensar”. In: _____. *Dois pontos: teoria e a pratica em educação*. Belo horizonte: Pitágoras vol. 3, n. 22.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

- 1 O conhecimento científico foi se desenvolvendo aos poucos, apropriando-se da realidade da natureza. Você crê que ele atingiu a verdade em alguma área do universo real? Por quê?
1. O que é mais verdadeiro: o objeto real ou o conceito que temos dele?
2. Existe alguma diferença de qualidade entre os conhecimentos sensível e conhecimento intelectual? Se existe, qual é a diferença?
3. É possível adquirir-se conhecimentos intelectuais sem que de alguma forma os nossos órgãos do sentido sejam acionados?
4. O texto informa que, para apropriar-se da realidade, o homem desenvolveu quatro tipos de conhecimento. Você é capaz de dissociá-los completamente, sem que não haja entre os conhecimentos vulgar, científico filosófico e teológico?
5. Como você explicaria o fato de muitos cientistas serem religiosos? Não há contradição entre o conhecimento científico teológico?
6. Ao investigar a realidade, o homem extrapola os conhecimentos adquiridos e prever uma realidade que ainda não acontece, ou seja, formula uma hipótese.
7. Essa hipótese pertence a que tipo de conhecimento: vulgar, científico filosófico ou teológico? Por quê?
8. Você é capaz de dar um exemplo de hipótese que depois foi confirmada pela verificação experimental?